



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA**

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76

Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

## **XXVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS** **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2024**

### **O DISCURSO COMO FORMA DE SUTENTAÇÃO DE MOVIMENTOS DISCRIMINATÓRIOS: UMA ANÁLISE DO ANTISSEMITISMO NAZIFASCISTA**

**Emille Kele Cunha Lima<sup>1</sup>; Eduardo Chagas Oliveira<sup>2</sup>**

1. Bolsista – Modalidade Bolsa/PVIC, Graduando em Direito, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: emille.cunha22@gmail.com
2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: echagas@uefs.com.br

**PALAVRAS-CHAVE:** discurso; antissemitismo; ação.

### **INTRODUÇÃO**

A argumentação discursiva não se restringe à adesão a uma tese, como um processo gerador de efeitos meramente intelectuais, visto que ela se estende às ações ou, pelo menos, a criar uma disposição para a ação<sup>1</sup>. Nesse sentido, a política violenta de eliminação judaica não teria funcionado sem a cooperação dos milhares de subordinados ao regime<sup>2</sup>. Tal cooperação consistia nas erupções locais de vigilantismo por partes dos militantes do partido que eram costumeiramente incentivadas pela linguagem utilizada pelos líderes do partido e pelo clima de tolerância à violência<sup>3</sup>. Além disso, observa-se a omissão do corpo civil alemão para os atos de violência aos judeus, que apesar de costumeiramente presenciar o apedrejamento a vitrines, os espancamentos e assassinatos, em maioria, preferia distanciar-se do assunto, fosse por medo, por indiferença ou por concordar<sup>4</sup>.

Sob esse prisma, o conceito de nazifascismo tem sido muito associado governos atuais, tornando fundamental uma análise dos mecanismos de persuasão aristotélica (*ethos*, *pathos* e *logos*) nos discursos de Hitler, principal orador do partido, ao ponto de gerar tanto a omissão do corpo civil alemão aos atos de discriminação, quanto a ação dos subordinados do regime no próprio Shoah<sup>5</sup>, a fim de evitar que movimentos discriminatórios sejam incentivados pela linguagem.

### **MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)**

---

<sup>1</sup> PERELMAN, Chaïm. **O Império Retórico: Retórica e Argumentação**. Tradução de Fernando Trindade e Rui Alexandre Grácio. Porto: ASA Editores, 1999, p. 31.

<sup>2</sup> PAXTON, Robert Owen. **A Anatomia do Fascismo**. Tradução de Patrícia Zimbres e Paula Zimbres. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p. 261.

<sup>3</sup> *Ibid.*, p. 260-262.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 271.

<sup>5</sup> *Shoah* é um termo técnico cuja tradução é massacre, preferivelmente usado em estudos e pesquisas, visto que holocausto na verdade é traduzido como um sacrifício - uma tradução que não condiz com a verdadeira realidade, pela simplista observação do conceito de sujeito de direito: sujeito à que, e por quem?

Trata-se de um trabalho teórico, analítico e qualitativo, cujo objetivo geral se constitui em compreender quais os mecanismos de persuasão retóricas (*ethos*, *pathos* e *logos*) foram utilizados com o intuito de induzir a omissão e a ação do corpo civil alemão, acerca das medidas discriminatórias antissemitas. Para tanto, realizar-se-á uma inquirição acerca dos elementos retóricos contidos nos discursos nazifascistas, mediante uma análise de bibliografias específicas ligadas ao *füher*<sup>6</sup>, além de seus próprios escritos e discursos, em consonância com os escritos de estudiosos da retórica.

## RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Existem três mecanismos de persuasão supridos pela palavra falada: o primeiro é o *ethos*, que depende do caráter pessoal do orador; o segundo é o *pathos*, capacidade de levar o auditório a uma certa disposição de espírito; e o terceiro é o *logos* inerente ao próprio discurso, no que diz respeito ao que demonstra ou parece demonstrar<sup>7</sup>.

Quanto ao *ethos*, Speer (1973)<sup>8</sup> demonstra que, apesar de possuir uma percepção de Hitler com um ar de desordem, ao ouvi-lo discursar em um ambiente acadêmico, notou sua capacidade de “adaptar-se com perfeição a qualquer ambiente que lhe rodeasse”, fosse pelo tom da voz, ou pela vestimenta<sup>9</sup>. Logo, a adaptação prévia ao auditório na qual se discursa gera um vínculo e por conseguinte, indica a estruturação do *ethos*, através dos próprios elementos subjetivos do orador.

Ademais, outra conjuntura do *ethos*, são os argumentos de autoridade. Perelman afirma que no limite da autoridade indiscutível está a autoridade divina<sup>10</sup>. Hitler não se absteve de utilizá-la em seus discursos, ao pontuar a existência de um erro que não pode ser remediado da perspectiva cristã: “a falha em reconhecer a importância de conservar o sangue e a raça livres de mistura e, portanto, o aspecto e caráter racial que são um dom de Deus e obra de Deus”<sup>11</sup>. Logo, apesar de Eco (2018)<sup>12</sup> definir o nazismo como fundamentalmente pagão, politeísta e anticristão, premissas contidas na autoridade máxima divina foram utilizadas nos discursos de

---

<sup>6</sup> O termo *füher* significa líder, chefe, guia ou condutor. No período nazifascista era comum dirigir-se a Hitler de com um *Mein füher*.

<sup>7</sup> ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2019, p. 44.

<sup>8</sup> Albert Speer foi um arquiteto e participante do partido Nazista que estava entre o círculo íntimo de Hitler. Ele foi considerado por muito tempo como “o bom nazista” pela forma como narra os acontecimentos durante o Terceiro Reich, sem evidenciar uma possível participação tendo participado primeiramente como arquiteto de Hitler e posteriormente como Ministro de Armamentos.

<sup>9</sup> SPEER, Albert. **Memórias: Hitler y el Tercer Reich Vistos Desde Dentro**. Tradução de Ángel Sabrido. Barcelona: Plaza & Janés, 1973, p. 22.

<sup>10</sup> PERELMAN, Chaïm, ref. 1, p. 109.

<sup>11</sup> HITLER, Adolf. **Discurso de Hitler em 30 de janeiro de 1937: aniversário da tomada do poder pelos nazistas em 1933**. Disponível em: <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/hitler1.htm>. Acesso em: 09 ago. 2024.

<sup>12</sup> ECO, Umberto. **Fascismo Eterno**. Rio de Janeiro: Record, 2018. p. 31

Hitler enquanto mecanismo de engrandecer-se perante o auditório. Isso porque, ao utilizar a palavra divina pressupõe-se que crê nela, fortalecendo uma conexão primordial entre o orador e público.

Contudo, ao partir do pressuposto que paixões aristotélicas são concomitantemente modos de ser (correspondentes ao *ethos*, e que determinam um caráter) e respostas ao modo de ser (alinhamento à outrem)<sup>13</sup>, percebe-se que Hitler já havia construído para si uma imagem pautada no *ethos* aristotélico do auditório, além de utilizar de uma autoridade divina para engrandecer-se e atrair o pensamento do auditório para suas próprias premissas. Nesse sentido, cabe ressaltar que o *pathos* é configurado pela emoção subjetiva, que pode ser readequada, potencializada ou induzida por um terceiro com o objetivo de determinada ação<sup>14</sup>.

Logo, a autoridade máxima divina também pode ser utilizada discursivamente para levar o público-alvo a certa disposição de espírito, mediante o *pathos*. Ora, ao trazer a ideia de que a pureza racial é uma tarefa sagrada divina e que tais mecanismos para alcançá-la são dons de Deus, entende-se a apelação as próprias emoções dos ouvintes, a crença nos mandamentos divinos, a culpa desencadeada por ela em prol de uma ação ou omissão perante a tese de purificação racial.

Outrossim, Perelman (1999) indica que o fim de uma adesão de um auditório às teses que se apresentam ao seu assentimento, e por isso, uma tese não se desenvolve nunca no vazio, pois pressupõe-se um contacto de espíritos entre o orador e seu auditório<sup>15</sup>. Nesse sentido, Speer (1973) descreve que: “*aquel tiempo, el odio de Hitler hacia los judíos me parecía tan natural que no me impresionaba*”<sup>16</sup>. Logo, percebe que o antissemitismo já era comumente disseminado naquele período por boa parte da sociedade alemã, ao ponto de Speer nem notar a utilização ao ponto de criar uma discordância. Desse modo, o ódio aos judeus já disseminado em outros períodos temporais, configurou-se com um contato de espírito (ideia) presente tanto no discurso do *füher*, pois, já estava enraizado no corpo civil, e não consistiu em uma premissa lançada no vazio. Nesse sentido, o auditório alemão estava intimamente suscetível ao assentimento de tais teses, frente a utilização de um ódio biológico e racial já anteriormente já difuso como premissa para a eliminação judaica (*pathos*).

---

<sup>13</sup> MEYER, Michel. Prefácio: **Aristóteles ou a retórica das paixões**. In: ARISTÓTELES. Retórica das paixões. Tradução de Isis Borges B. da Fonseca. 1º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. XLVII.

<sup>14</sup> *Ibid.* ARISTÓTELES, *apud* MEYER, Michel, p. XLII. Pelas paixões definidas no livro “Retórica” de Aristóteles, tem-se tudo o que é acompanhado de dor e prazer, sendo capaz de provocar mudanças no espírito, ao ponto de modificar visivelmente, uma diferença nos resultados proferidos.

<sup>15</sup> PERELMAN, Chaïm, ref. 1, p. 29.

<sup>16</sup> SPEER, Albert, ref. 9, p. 191.

Quanto ao *logos*, nota-se um emprego mais restrito que o uso da sua personalidade e das emoções. Isso porque, observa-se através dos escritos de Hitler (1943) um imenso enfoque discursivo no *pathos* aristotélico, induzido através de um emprego do próprio *ethos*, e uma desconsideração da argumentação “lógica” por considerar que seu auditório estava em uma classe intelectual inferior, cuja não seria mobilizada pelo conhecimento, e sim pelas emoções<sup>17</sup>. Para demonstrar tal argumentação, Speer (1973) relata que a própria energia de Hitler, e o tom da sua voz exerceram uma impressão muito mais profunda que seu próprio discurso em si<sup>18</sup>.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Observou-se em Hitler, enquanto orador do Partido Nacional Socialista, a utilização de todos os mecanismos persuasivos nos discursos antissemitas: o *ethos*, o *pathos* e o *logos*. Contudo, seu maior enfoque foi o emprego do *ethos* e do *pathos* em seus discursos, geralmente tendo como público-alvo as camadas mais populares.

Logo, a tese do antissemitismo e da consequente instauração de medidas que garantissem a pureza racial ariana ultrapassou efeitos meramente intelectuais do discurso – que não exime a autonomia ética e moral humana e sua consequente responsabilização legal –, o que se observa através a omissão aos tipos de discriminação e segregação judaica, e a própria participação dos subalternos no funcionamento das barbáries comprovam que ambos os mecanismos surtiram efeitos, conforme se depreende do caso analisado.

### REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2019.
- ECO, Umberto. **Fascismo Eterno**. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- HITLER, Adolf. **Discurso de Hitler em 30 de janeiro de 1937**: aniversário da tomada do poder pelos nazistas em 1933. Disponível em: <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/hitler1.htm>. Acesso em: 09 ago. 2024.
- HITLER, Adolf. **Mein Kampf**. Boston: Houghton Mifflin Company, 1943.
- MEYER, Michel. Prefácio. In: ARISTÓTELES. **Aristóteles ou a retórica das paixões**. Tradução de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- PAXTON, Robert Owen. **A Anatomia do Fascismo**. Tradução de Patrícia Zimbres e Paula Zimbres. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- PERELMAN, Chain. **O Império Retórico: Retórica e Argumentação**. Tradução de Fernando Trindade e Rui Alexandre Grácio. Porto: ASA Editores, 1999.
- SPEER, Albert. Memórias: **Hitler y el Tercer Reich Vistos Desde Dentro**. Tradução de Ángel Sabrido. Barcelona: Plaza & Janés, 1973.

---

<sup>17</sup> HITLER, Adolf. **Mein Kampf**. Boston: Houghton Mifflin Company, 1943, p. 320.

<sup>18</sup> SPEER, Albert, ref. 9, p. 22-23.